

OS DISCURSOS DO ROMANCE *THE BLUEST EYE*

Luciana Duenha Dimitrov*

Resumo: A coexistência de vários discursos em um mesmo romance não é inovação literária. Assim sendo, busca-se, neste breve estudo, relatar como há riqueza de discursos que ora convergem ora divergem no romance norte-americano *The bluest eye*.

Palavras-chave: *The bluest eye*; discurso; preconceito.

■ Considerando-se a linguagem literária “um fenômeno profundamente original, assim como a consciência lingüística do literato que lhe é correlata; [e que] nela, a diversidade intencional [...] torna-se plurilíngüe: tratando-se não de uma linguagem, mas de um diálogo de linguagens” (BAKHTIN, 1993, p. 101), há a percepção de que a construção de qualquer texto implica uma espécie de conjunto de linguagens internas que, ao se justaporem – e em alguns momentos contraporem –, atribuem determinado significado ao texto em questão. Um romance, especialmente por sua amplitude, seria então um combinado de textos que coexistem, sendo esses textos construídos com base em um diálogo de vozes que interagem. Então, dentro de um romance cabem inúmeras vozes que “não se excluem umas às outras, mas se interceptam de diversas maneiras” (BAKHTIN, 1993, p. 88).

Em *The bluest eye* [*O olho mais azul*], romance de estréia da norte-americana Toni Morrison, esse emaranhado de vozes se faz presente especialmente em dois momentos: nas alternâncias do foco narrativo e nos discursos das diver-

* Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e no Colégio Santa Amália.

sas personagens que ganham voz na trama; assim “tomado como um conjunto, [o romance se] caracteriza como um fenômeno pluriestilístico, plurilingüe e plurivocal” (BAKHTIN, 1993, p. 73). Este último aspecto é o que interessa ao presente estudo. Cada voz que se manifesta no romance, seja por meio de discurso direto, indireto, seja até mesmo por meio das descrições, caracteriza seus portadores daquela determinada voz, é única em sua individualidade – daí a plurivocidade do romance. O plurilingüismo nasceria da combinação da linguagem que é empregada em sua construção, ao passo que o pluriestilismo compreenderia a multiplicidade de formas em que os textos são escritos. Busca-se, portanto, relatar como a plurivocidade se faz fator presente e imprescindível à formação da narrativa.

A narrativa apresenta um constante choque entre o discurso da sociedade retratada como predominantemente racista e o dos negros que a ele se opunham. Enquanto os discursos dos brancos, dos mulatos e de alguns negros reiteravam a suposta superioridade do branco, os discursos dos outros negros buscava o equilíbrio entre as situações. Em determinado momento da trama, relata-se que “*Black people were not allowed in the park, and so it filled [...] [the girls] dreams*” (MORRISON, 2004, p. 105), denunciando-se a segregação que perdurava nos anos 1940 na maioria das regiões, especialmente no sul dos Estados Unidos. Tratava-se de uma prática que “*white people had fixed [...] so that they could be comfortable and that the circumstance was livable. Just a little bit of tenderness caused people to accommodate themselves to [segregation]*” (PROCTOR apud WILLIAMS, 1996, p. 108). Assim, a proibição de entrar no parque, supostamente um local público, realmente conota o caráter segregacionista vivido no momento histórico do relato.

O texto é permeado de diversas facetas do discurso do negro no romance, como se comprova no trecho que segue:

Mama had told us two days earlier that a “case” was coming – a girl who had no place to go. The country had placed her in our house for a few days until they could decide what to do, or, more precisely, until the family was reunited. We were to be nice to her and not fight. Mama didn’t know “what got into people,” but that old Dog Breedlove had burned up his house, gone upside his wife’s head, and everybody, as a result, was outdoors (MORRISON, 2004, p. 16-17).

Aqui aparece o discurso daquele que, mesmo pertencendo a uma classe marginalizada, se encontra em um patamar diferenciado em relação ao que se encontrava a família protagonista, os Breedlove – até por isso aquela casa foi designada para acolher Pecola. Há lucidez na fala da Sra. MacTeer quando expressa não saber “*what got into people*”. Em seu discurso se comprova que “a linguagem do romance é um sistema de linguagens que, dialogando, se esclarecem mutuamente” (TADIÉ, 1992, p. 178), ou seja, aquilo que seu discurso representa converge com o discurso de outra personagem – Pauline Breedlove –, e ainda com o discurso implícito da maioria dominante.

Um dos discursos que ilustram com primor o sentimento dos negros reprimidos pela sociedade é o da narradora-personagem Cláudia, que, no decorrer de toda a narrativa, confronta situação vivida e situação desejada. Em um momento de desabafo, a menina revela seu sentimento em relação aos brancos:

It had begun with Christmas and the gift of dolls. The big, the special, the loving gift was always a big, blue-eyed Baby Doll. From the clucking sounds of adults I knew that the doll represented what they thought my fondest wish. I was bemused with the thing itself, and the way it looked. What was I supposed to do with it? Pretend I was its mother? I had no interest in babies or the concept of motherhood. I was interested only in humans my own age and size, and could not generate any enthusiasm at the prospect of being a mother. Motherhood was old age, and other remote possibilities. I learned quickly, however, what I was expected to do with the doll: rock it, fabricate storied situations around it, even sleep with it. Picture books were full of little girls sleeping with their dolls. Raggedy Ann dolls usually, but they were out of the question. I was physically revolted by and secretly frightened of those round moronic eyes, and the pancake face, and orangeworms hair.

[...] To hold it was no more rewarding. [...] I had only one desire: to dismember it. To see of what it was made, to discover the dearness, to find the beauty the desirability that had escaped me, but apparently only me. [...] all the world had agreed that a blue-eyed, yellow-haired, pink-skinned doll was what every girl child treasured. [...] I could not love her [...] (MORRISON, 2004, p. 19-21).

O presente ganho no Natal simboliza o sonho de consumo padronizado na época: uma boneca loura, de olhos azuis e pele rosada. Para Claudia não havia, conforme ela mesma revela, nenhum interesse em fingir ser mãe daquelas bonecas que em nada se pareciam com ela. A completa ausência de sentimentos positivos nutridos em relação ao brinquedo é anunciada em suas descrições ao revelar, por exemplo, que *“was physically revolted by and secretly frightened of those round moronic eyes, and the pancake face, and orangeworms hair”*.

Um outro fator a ser ressaltado é que a identidade da menina se encontrava muito bem delineada à medida que aquele objeto que todos enalteciam – e implicitamente aquilo que representava – não a persuadia. Muito pelo contrário, a simples presença do objeto, que em seguida foi estendida à presença de meninas brancas, despertava em Claudia um desejo de destruir aquela imagem: *“[d]olls we could destroy, but we could not destroy the honey voices of parents and aunts, the obedience in the eyes of our peers, the slippery light in the eyes of our teachers when the encountered the Maureen Peals of the world”* (MORRISON, 2004, p. 74).

A menina que, no entanto, *“could not love [...] [the doll]”*, aprendeu que a presença de brancos – incluindo das bonecas – seria uma constante em sua vida. Nasceu então uma espécie de aversão contra aquela imagem que era, graças ao discurso de autoridade vigente, padronizada como ideal. Em seu relato, Claudia repudia os brancos na mesma proporção em que anseia destruí-los, mas compreende que a convivência com o objeto de sua aversão seria inevitável. Há, assim, um constante choque entre o discurso da menina, que é o dos excluídos, daqueles que discordam com a marginalização vivida; e o do dominante, que marginaliza e de todos os marginalizados que, ao contrário de Claudia, assimilam o discurso dos brancos comprando bonecas estereotipadas para suas filhas.

No próximo trecho novamente se confrontam o discurso do dominante e do dominado, quando a pequena Pecola reza por olhos azuis:

“Please, God,” she whispered into the palm of her hand. “Please make me disappear.”

[...]

Each night, without fail, she prayed for blue eyes. Fervently, for a year she had prayed. Although somewhat discouraged, she was not without hope. To have something as wonderful as that happen would take a long, long time (MORRISON, 2004, p. 45-46).

O desejo de olhos azuis de Pecola reflete a infelicidade que sentia. Ao ansiar por algo maravilhoso – como a transformação da cor de seus olhos –, a menina sonha em ter os mesmos olhos de Shirley Temple, o estereótipo de beleza da época: *“she was a long time with the milk, and gazed fondly at the silhouette of Shirley Temple’s dimpled face. Frieda and she had a loving conversation about how cu-ute Shirley Temple was”* (MORRISON, 2004, p. 19). Ora, a figura da pequena atriz era tão constante na sociedade que se tornara adorno de xícara, nutrindo o desejo da menina, sendo permeado pelo discurso da classe dominante e aquela imagem próxima da perfeição que se impõe ao supervalorizar o branco, constantemente apresentado como representante mais positivo da raça humana. Esse mecanismo de manipulação se exercia por meio do cinema, pois: *“[a]long with the idea of romantic love [...] [there was another one introduced] – physical beauty. Probably the most destructive ideas in the history of human thought. Both originated in envy, thrived in insecurity, and ended in disillusion”* (MORRISON, 2004, p. 122).

Assim, o discurso do cinema – reflexo direto do discurso dos brancos – reitera essa imagem da beleza perfeita que se padronizava com seu auxílio. O discurso da juvenzinha negra que é persuadida pelo discurso do opressor dialoga com este último ao mesmo tempo em que é estabelecida uma relação de submissão.

O discurso do cinema influencia efetivamente outra personagem, mãe desta última: Pauline Breedlove, que formava suas próprias opiniões e impressões com base nos filmes aos quais tinha acesso.

She was never able, after her education in the movies, to look at a face and not assign it some category in the scale of absolute beauty, and the scale was one she absorbed in full from the silver screen. There at last were the darkened woods, the lonely roads, the river banks, the gentle knowing eyes. There the flawed became whole, the blind sighted, and the lame and halt threw away their crutches. [...]

It was really a simple pleasure, but she learned all there was to love and all there was to hate.

“The onliest time I be happy seem like was when I was in the picture show” (MORRISON, 2004, p. 122-123).

Partindo da “educação” recebida do cinema, a mulher negra estabelece sua visão do mundo, já que a magia ali existente possibilitava pequenos “milagres” – como curas mirabolantes –, apresentando situações muito próximas da perfeição e muito distantes da vida que levava. Compreende-se que para a mãe a felicidade era real apenas naqueles instantes passados na sala de projeção; assim, consciente ou inconscientemente, seu grande anseio era aquela vida de brancos, representada em diversas situações nas telas do cinema, sendo praticamente sempre felizes ao final. Reitera-se o discurso do dominante e o diálogo

go em que um se subordina ao outro, que se estabelecia quando tal discurso era absorvido pela classe dominada.

O discurso do branco, por sua vez, é retratado com amarga ironia no trecho que descreve o dono da loja de doces e seu encontro com Pecola:

[h]e urges his eyes out of his thoughts to encounter her. Blue eyes. Blear-dropped. Slowly, like Indian summer moving imperceptibly toward fall, he looks toward her. Somewhere between retina and object, between vision and view, his eyes draw back, hesitate and hover. At some fixed point in time and space he senses that he need not to waste the effort of a glance. He does not see her, because for him there is nothing to see. How can a fifty-two-year-old white immigrant store-keeper with the taste of potatoes and beer in his mouth, his mind honed on the doe-eyed Virgin Mary, his sensibilities blunted by a permanent awareness of loss, see a little black girl? Nothing in his life even suggested that the feat was possible, not to say desirable or necessary (MORRISON, 2004, p. 48).

O imigrante descrito como um homem branco, de “*blear-dropped [blue eyes]*” não concebia a necessidade de encarar a menina, representante de uma realidade muito distante da sua. O discurso implícito que se revela com a descrição da atitude do homem denota aquilo que o dominante pregava: a superioridade de sua raça. O homem não maltrata a garota, ele praticamente ignora sua presença, evitando falar, olhar e tocar nela. É assim que age graças aquilo que lhe foi “ensinado”, já que “*nothing in his life even suggested that the feat was possible, not to say desirable or necessary*”, ou seja, aquela convivência com outra raça não fazia parte de sua concepção de mundo, pois nele só havia um discurso possível, o do branco. Ao imigrante a miscigenação seria impraticável, por isso “*he [...] urged his eyes out of his thoughts to encounter her*”. Ora o discurso que nunca nem sequer sugeriu a presença de um negro em sua convivência retoma e reforça a questão do preconceito racial, sendo que “o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado” (CANDIDO, 1967, p. 6).

Outra denúncia da diferença vigente entre brancos e negros está em uma fala de Pauline Breedlove, em que ela descreve os negros do norte: “*Northern colored folk was different too. Dicty-like. No better than withes from meanness. They could make you feel just as no-count, ‘cept I didn’t expect it from them*” (MORRISON, 2004, p. 117). Estabelece-se uma relação sustentada na crueldade entre brancos e aqueles negros que viviam no norte, descendentes dos primeiros escravos a serem emancipados no país, trazendo consigo muitos resquícios da superioridade que os habitantes da região julgavam ter. É importante considerar que o momento histórico do romance ainda se encontra relativamente próximo do período pós-colonial, sendo a emancipação total dos escravos datada de 1865. Naquele momento,

a perspectiva pós-colonial [...] [forçava] a repensar as profundas limitações de uma noção ‘liberal’ consensual e conluiada de comunidade cultural, [...] [insistindo em] que a identidade cultural e a identidade política são construídas através de um processo de alteridade (BHABHA, 2003, p. 244);

ressalta-se, aqui, que à grande maioria da nação tal alteridade ainda não havia sido nem sequer idealizada. Novamente o discurso do branco é interiorizado pelos negros do norte como modelo a ser seguido.

Outro discurso que se impõe na narrativa é o dos meninos negros que, em determinado trecho da obra, dirigem-se contra Pecola:

Bay Boy, Woodrow Cain, Buddy Wilson, Junie Bug – like a necklace of semi-precious stones they surrounded her. Heady with the smell of their own musk, thrilled by the easy power of a majority, they gaily harassed her.

“Black e mo. Black e mo. Yadaddsleepsnekked. Black e mo black e mo ya daddd sleeps nekked. Black e mo...” (MORRISON, 2004, p. 65).

O modo de atormentar a garota, tão negra quanto eles, denuncia uma espécie de ódio que muitos negros nutriam, mesmo inconscientemente, em relação à sua condição. É como se eles tivessem “ódio aos estágios que ficaram mais próximos da animalidade: de onde se pode explicar o antigo desprezo pelo escravo, como sendo um não-humano, uma coisa” (NIETZSCHE, 2005, p. 47), um conceito de reificação próprio do branco escravista perduraria ao longo dos séculos. Assim, ao ofender Pecola com a frase “*black e mo*” repetida diversas vezes, os meninos acabam exteriorizando aquele sentimento secreto vinculado à sua condição, eclode de modo tão racista quanto o discurso de qualquer branco; há, mesmo que implícita, uma deterioração da própria raça e, conseqüentemente, uma enaltação da raça dominante.

Uma relação de interdependência com o discurso do branco é estabelecida. O anseio pela permanência de um corpo limpo, claro, sem quaisquer vestígios da raça que representava, reforça a intensidade do discurso do branco naquelas classes sociais em que muitos mulatos viviam na constante expectativa de se igualarem ao padrão.

These sugar-brown Mobile girls move through the streets without a stir. They are as sweet and plain as buttercake. Slim ankles; long, narrow feet. They wash themselves with orange-colored Lifebuoy soap, dust themselves with Cashmere Bouquet talc, clean their teeth with salt on a piece of rag, soften their skin with Jergens Lotion. They smell like wood, newspaper, and vanilla. They straighten their hair with Dixie Peach, and part it on the side. At night they curl it on paper from brown bags, tie a print scarf around their heads, and sleep with hands folded across their stomachs. They do not drink, smoke, or swear and they still call sex “nookey” (MORRISON, 2004, p. 81).

As mulatas que “[*moved*] through the streets without a stir” agiam o mais próximo possível do anonimato, cuidavam com obstinação da aparência, “[*straightening*] their hair with Dixie Peach, and part it on the side”. O cabelo alisado, repartido de lado copia o cabelo usado por mulheres brancas; a busca pela pureza se reflete até mesmo nos dentes, que são limpos com sal; o tratamento especial dado à pele, na busca de sua maciez... As cores envolvidas na descrição sugerem significados interessantes: o branco do sal, que será atribuído aos dentes e, mais implicitamente na cor de pele que almejam, implica, além de “ora ausência, ora a soma das cores [...] [na] cor do candidato, *i.e.*, aquele que vai mudar de condição” (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2005, p. 141); ou seja, ao se

alcançar a brancura, seria possível alcançar o patamar desejado e igualar-se àqueles que são os modelos a serem seguidos. O alaranjado presente no sabão e no nome do creme usados pelas mulatas pode significar “o ponto de equilíbrio entre o espírito e a libido” (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2005, p. 27), novamente sugerindo uma equiparação entre aquilo que aparentavam externamente – descendentes de negros – e aquilo que desejavam ser internamente – brancos. Assim, a análise combinatória das cores que dominam a descrição pode sugerir uma possibilidade de ascensão àquele equilíbrio com que tanto se sonha, o mesmo equilíbrio retratado na atitude das mulheres “*as sweet and plain as buttercake*” que “*do not drink, smoke, or swear and they still call sex ‘nookey’*”, ou seja, fazem de tudo para viver da forma mais convencional possível. Seu discurso, então, implica uma espécie de releitura do discurso do branco ao se buscar uma equiparação às condições físicas e comportamentais da raça dominante.

Ainda considerando o discurso do mulato, depreende-se outra questão do discurso atribuído a Geraldine que, mesmo tendo uma preocupação pungente em saciar desejos materiais e físicos do filho, não manifesta nenhum resquício de afetividade presente na relação estabelecida com ele.

Geraldine did not allow her baby, Junior, to cry. As long as his needs were physical, she could meet them – comfort and satiety he was always brushed, bathed, oiled, and shod. Geraldine did not talk to him, soothe him, or indulge him in kissing bouts, but she saw that every other desire was fulfilled (MORRISON, 2004, p. 86).

As atitudes da mãe retratam uma relação quase mecânica entre ela e o filho, que não era coberto com “*kissing bouts*”. Rompe-se aquela imagem simbólica da mãe que representa

a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação, [que] é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia (CHEVALIER; GHEERBRANT; 2005, p. 580).

A mãe mulata ocupa o papel daquela que abriga, mas dispensa a função daquela que sufoca. É como se fosse apenas mãe em parte, muito mais preocupada em atingir a perfeição social que a equipararia com mães brancas do que em proporcionar carinho ao filho.

Ainda considerando o discurso de mães na narrativa, destaca-se o da Sra. Breedlove, que se reproduz na seqüência:

Mrs. Breedlove yanked her up by the arm, slapped her again, and in a voice thin with anger, abused Pecola directly and Frieda and me by implication.

“Crazy fool... my floor... look what you... work... get on out... now that... crazy... my floor, my floor... my floor.” Her words were hotter and darker than the smoking berries, and we backed away in dread.

The little girl in pink started to cry. Mrs. Breedlove turned to her. “Hush, baby, hush. Como here. [...] Polly will change it.” [...] Over her shoulder she spit out words to us like rotten pieces of apple (MORRISON, 2004, p. 109).

A atitude da mãe se torna clara quando maltrata as meninas negras – incluindo a própria filha – e trata com muito carinho a menina branca da família Fisher, para quem trabalhava. Compreende-se outro discurso maternal que, assim como o de Geraldine, rompe expectativas possivelmente associadas à figura da mãe. Pauline não demonstra nenhum afeto pela filha, que é esbofeteada quando por “*nervousness, awkwardness [...] the pan tilted under Pecola’s fingers and fell to the floor, splattering blackish blueberries everywhere*” (MORRISON, 2004, p. 108), enquanto a pequena menina loira são dispensadas palavras e atitudes afetuosas. O discurso de Pauline expressa sua escolha nítida reiterando-se, novamente, o discurso da classe dominante, como já absorvido por essa personagem que rejeita sua própria situação de dominada.

Outro fato interessante a ser comparado é o discurso dos pais presentes na narrativa: Sr. Mac Teer e Sr. Breedlove. Enquanto o primeiro é apresentado como: “[*w*]olf killer [...] he worked night and day to keep one from the door and the other from under the windsills” (MORRISON, 2004, p. 61), ao segundo cabe a descrição de um homem que: “had [...] not been alone in the world since he was thirteen [...] he might have felt a stable connection between himself and the children. As it was, he reacted to them, and his reactions were base on what he felt at the moment” (MORRISON, 2004, p. 160-161).

Confrontam-se dois pais e suas atitudes. A consciência atribuída ao pai existe no Sr. Mac Teer, mas não em Cholly, que “*reacted to [his kids]*”. Em nenhum momento da narrativa há discursos que delimitem a imagem de Cholly com qualquer aspecto relacionado à figura paternal convencionalizada na cultura ocidental. É como se fosse uma espécie de imagem invertida de um homem que não tem limites e que mal consegue controlar sua própria impulsividade.

Partindo dessa pequena amostra de diversidade de discursos é possível que se identifiquem, criticamente, os discursos fortemente marcados pelo preconceito racial, notando-se quão conflitantes são entre si, ora coexistindo, ao trazer em seu significado implícito ou explícito, o discurso do branco que supervalorizava sua raça, ora excluindo qualquer um que a ela não pertencia. Assim observada, a funcionalidade do romance se expande sendo a ele atribuída também uma função de veicular discursos que denunciam o preconceito reinante na sociedade narrada.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. *Questões de literatura e estética*. A teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- _____. *The bluest eye*. New York: Alfred A. Knopf, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2005.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1992.

WILLIAMS, Clarence G. (Ed.). *Reflection of the dream, 1975-1994: twenty years celebrating the life of Dr. Martin Luther King, Jr. at the Massachusetts Institute of Technology*. Massachusetts: The MIT Press, 1996.

DIMITROV, Luciana Duenha. The discourses of the novel, *The bluest eye*. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 9, n. 1, p. 88-96, 2007.

Abstract: The coexistence of several discourses in the same novel is no longer a literary innovation. Therefore, the purpose in this brief piece of study is to relate the richness of discourses that either converge or diverge in the North-American novel The bluest eye.

Keywords: The bluest eye; discourse; prejudice.